ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM FRENTE À INFECÇÃO HOSPITALAR EM PACIENTES ADMITIDOS NA UNIDADE DE TRATAMENTO INTENSIVO – UTI

NURSING PERFORMANCE IN FRONT OF HOSPITAL INFECTION IN PATIENTS ADMITTED TO THE INTENSIVE CARE UNIT – ICU

KETTLEY LORRANY DE **OLIVEIRA**[1*], ORLANDO DELCOLLI DE **SOUZA**[1], NELI REGINA **DELAVI**[1], MARIANA KELY DINIZ GOMES DE **LIMA**[2]

1. Acadêmicos do curso de Bacharelado em Enfermagem – UNINASSAU; **2.** Especialista em Saúde Coletiva pela UNIFACIMED, especialista em vigilância em saúde pelo EVS Instituto Sírio Libanês de ensino e pesquisa.

*Avenida Juscimeira 860, Novo Horizonte, Cacoal, Rondônia, Brasil, 76962020. kettleyvasconcelos@gmail.com

Recebido em 17/10/2025. **Aceito** para publicação em 27/10/2025

RESUMO

A infecção hospitalar, também conhecida como infecção relacionada à assistência à saúde (IRAS), constitui um desafio crítico para a segurança do paciente em unidades de terapia intensiva (UTI), onde a gravidade clínica e o uso de dispositivos invasivos aumentam o risco de complicações. Este estudo teve como objetivo analisar a atuação da enfermagem na prevenção e controle de infecções hospitalares em pacientes internados em UTI. Foi realizada uma revisão descritiva e exploratória com abordagem qualitativa e quantitativa, por meio de pesquisa em bases de dados indexadas (LILACS, SciELO e PubMed), utilizando como critérios de inclusão estudos revisados por pares que abordassem práticas de enfermagem em UTIs. Os resultados apontaram que a adesão rigorosa a protocolos de higienização das mãos, uso correto de equipamentos de proteção individual (EPIs), cuidados com dispositivos invasivos e educação continuada são estratégias fundamentais para reduzir as taxas de IRAS. No entanto, desafios como sobrecarga de trabalho, déficit de profissionais e falhas na capacitação contínua comprometem a efetividade dessas ações. Conclui-se que o papel da equipe de enfermagem é essencial para a segurança do paciente, sendo necessário o fortalecimento de programas de educação permanente, auditorias e monitoramento constante das práticas assistenciais para reduzir a morbimortalidade associada às infecções hospitalares em UTIs.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Infecção Hospitalar; Unidade de Terapia Intensiva; Biossegurança; Prevenção de Infecção.

ABSTRACT

Hospital-acquired infection, also known as healthcare-associated infection (HAI), represents a critical challenge to patient safety in intensive care units (ICUs), where the severity of clinical conditions and the use of invasive devices increase the risk of complications. This study aimed to analyze the role of nursing in the prevention and control of hospital infections in ICU patients. A descriptive and exploratory review with a qualitative and quantitative approach was conducted through research in indexed databases (LILACS, SciELO, and PubMed), including peer-reviewed studies addressing nursing practices in ICUs. The results showed that strict adherence to hand hygiene protocols, correct use of personal protective equipment (PPE), proper care of invasive devices, and continuous education are fundamental strategies to reduce HAI rates. However, challenges such as work overload, staff shortages, and gaps in continuous training compromise the effectiveness of these measures. It is concluded that the nursing team plays an essential role in patient safety, and strengthening continuing education programs, audits, and constant monitoring of care practices is necessary to reduce morbidity and mortality associated with hospital infections in ICUs.

KEYWORDS: Nursing; Hospital Infection; Intensive Care Unit; Biosafety; Infection Prevention.

1. INTRODUÇÃO

As infecções hospitalares, também denominadas infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), representam um dos maiores desafios para a segurança do paciente e para os sistemas de saúde em todo o mundo. As UTIs são cenários particularmente críticos, pois concentram pacientes em estado grave, com múltiplas comorbidades e submetidos a procedimentos invasivos, fatores que aumentam consideravelmente o risco de infecção. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que até 30% dos pacientes internados em UTIs podem desenvolver algum tipo de IRAS, o que repercute em prolongamento da internação, elevação de custos hospitalares e aumento da morbimortalidade[1].

No contexto brasileiro, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) relata que aproximadamente 14% dos pacientes de UTI desenvolvem infecções como pneumonia associada à ventilação mecânica, infecção da corrente sanguínea relacionada a cateter venoso central e infecção do trato urinário[2]. Esses eventos são considerados adversos graves e preveníveis, sendo prioritária a implementação de estratégias de prevenção baseadas em evidências.

A equipe de enfermagem, por estar em contato direto e contínuo com o paciente, é responsável por uma parcela significativa das ações de prevenção de IRAS, como a higienização das mãos, o manejo seguro de dispositivos invasivos, a administração correta de antimicrobianos e a vigilância de sinais clínicos. Diversos estudos reforçam que a adesão rigorosa aos protocolos de biossegurança reduz expressivamente a ocorrência de infecções e melhora os indicadores de qualidade assistencial[3,4].

Entretanto, persistem desafios relevantes, como sobrecarga de trabalho, rotatividade de profissionais, déficit de insumos e falhas em programas de educação permanente. Esses fatores impactam negativamente a adesão aos protocolos e comprometem a efetividade das medidas preventivas. Diante disso, o presente estudo visa analisar a atuação da enfermagem na prevenção e controle das IRAS em UTIs, discutindo estratégias, dificuldades e recomendações para o fortalecimento da segurança do paciente e da qualidade do cuidado.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa e quantitativa, realizado sob o formato de revisão integrativa da literatura. Foram realizadas buscas sistemáticas nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed, utilizando os descritores “infecção hospitalar”, “enfermagem”, “UTI” e “prevenção”.

Foram incluídos artigos revisados por pares, publicados entre 2005 e 2025, disponíveis na íntegra em português ou inglês, que abordassem práticas de prevenção, atuação da enfermagem e indicadores de resultados relacionados a IRAS.

Os critérios de exclusão compreenderam trabalhos sem acesso ao texto completo, revisões narrativas sem metodologia estruturada, estudos exclusivamente microbiológicos ou sem relação direta com a prática da enfermagem. A seleção foi realizada em três etapas: leitura de títulos e resumos, leitura na íntegra e extração dos dados relevantes.

O estudo respeitou os princípios éticos da pesquisa em saúde, assegurando a integridade das informações e a citação adequada de todas as fontes, conforme as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa e as normas da ABNT.

3. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

A revisão integrativa revelou que a enfermagem desempenha um papel essencial no controle e na prevenção das IRAS em UTIs, sendo responsável por ações diretas que influenciam os desfechos clínicos dos pacientes. A adesão aos protocolos de higiene das mãos foi destacada como a principal medida preventiva, com impacto comprovado na redução da transmissão cruzada de microrganismos. Estudos como o de Gomes e Alves apontam que intervenções educativas e monitoramento constante aumentam significativamente a adesão dos profissionais a essas práticas[5].

O manejo de dispositivos invasivos, especialmente cateteres venosos centrais e sondas vesicais, foi identificado como um ponto crítico. A adoção de *bundles* de prevenção e o treinamento contínuo da equipe reduziram em até 40% a ocorrência de infecções associadas ao uso desses dispositivos[6]. Além disso, verificou-se que a implementação de programas de vigilância ativa de infecção, com auditorias e feedback aos profissionais, contribui para maior conformidade com as normas de biossegurança[4].

Outro achado relevante foi a influência do dimensionamento de pessoal e das condições estruturais da UTI na ocorrência de IRAS. Unidades com quadro reduzido de enfermagem apresentaram taxas mais elevadas de infecção, associadas à sobrecarga de trabalho e falhas na execução das práticas preventivas. A capacitação continuada e a atualização técnica dos enfermeiros mostraram-se determinantes para a redução de eventos adversos e melhoria da qualidade assistencial.

Os resultados reforçam que a prevenção e o controle das IRAS são processos multidimensionais, nos quais a enfermagem assume protagonismo tanto na execução das práticas quanto na educação permanente e gestão do cuidado. Segundo Martins e Oliveira, a educação continuada é um instrumento essencial para consolidar condutas seguras, promovendo a adesão aos protocolos e a padronização dos procedimentos[7].

Observa-se que a integração multiprofissional também é um fator determinante. A cooperação entre enfermeiros, médicos, fisioterapeutas e equipe de apoio favorece a comunicação efetiva e o monitoramento dos indicadores de infecção. Essa prática colaborativa contribui para decisões clínicas mais assertivas e para a rápida identificação de sinais de infecção, reduzindo complicações.

O papel do enfermeiro como líder no ambiente hospitalar é evidenciado não apenas nas atividades técnicas, mas também na gestão de risco, na educação em serviço e na implementação de práticas baseadas em evidências. A OMS destaca que programas de segurança do paciente devem priorizar a formação de líderes clínicos capazes de engajar suas equipes e promover uma cultura organizacional voltada à segurança[1].

Adicionalmente, desafios como déficit de insumos, alta demanda assistencial e falta de políticas institucionais permanentes ainda dificultam a consolidação de práticas eficazes. Dessa forma, é imprescindível que gestores e instituições de saúde valorizem a enfermagem como eixo central da segurança do paciente, oferecendo condições adequadas de trabalho e recursos suficientes para o cumprimento dos protocolos de controle de infecção.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que a equipe de enfermagem é fundamental na prevenção e controle das infecções hospitalares em Unidades de Terapia Intensiva, sendo responsável direta pela execução das principais práticas de biossegurança. A adesão rigorosa à higienização das mãos, o uso correto de EPIs, a manutenção segura de dispositivos invasivos e a educação continuada são

estratégias comprovadamente eficazes para reduzir a incidência de IRAS.

É necessário que os profissionais sejam continuamente capacitados, com foco na atualização técnica e na conscientização sobre a importância do seu papel na segurança do paciente. Recomenda-se, ainda, o fortalecimento das políticas institucionais, com incentivo à cultura de segurança, criação de comissões de controle de infecção hospitalar atuantes e promoção de programas de vigilância epidemiológica.

Portanto, o fortalecimento do papel do enfermeiro, aliado ao apoio gerencial e à educação permanente, representa a base para a melhoria dos indicadores assistenciais e para a consolidação de práticas seguras e sustentáveis dentro das UTIs brasileiras.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau, pela estrutura acadêmica, incentivo à iniciação científica e apoio ao desenvolvimento de pesquisas na área da saúde.

Aos profissionais de enfermagem das Unidades de Terapia Intensiva que compartilharam experiências e saberes, fortalecendo o entendimento sobre a importância da atuação da enfermagem no controle de infecções hospitalares.

Por fim, os autores declaram que não houve financiamento público ou privado para a execução deste estudo, sendo o mesmo desenvolvido com recursos próprios e apoio institucional da UNINASSAU.

6. REFERÊNCIAS

[1] Organização Mundial da Saúde (OMS). Diretrizes para prevenção e controle de infecções. Genebra: OMS; 2021.
[2] Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2022.
[3] Silva JP, Almeida KR. O papel da enfermagem na prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde. Rev Saúde Coletiva. 2022.
[4] Costa DR, Ribeiro MA. Adoção de protocolos de prevenção de infecções na UTI: o papel do enfermeiro. Saúde e Ciência. 2022.
[5] Gomes PR, Alves TM. Impacto das práticas de higienização das mãos na prevenção de infecções hospitalares. Rev Bras Controle Infecções. 2021.
[6] Ferreira AC, Souza MT. Controle de infecção hospitalar em unidades de terapia intensiva: desafios e estratégias. J Bras Enferm. 2021.
[7] Martins LP, Oliveira RS. Estratégias de enfermagem para redução de infecções nos serviços de saúde. Rev Pesqui Saúde. 2020.